

Perspectivas Europeias da situação das línguas clássicas*

Reunião da CNARELA - Estrasburgo, 5-6-7 Novembro 1987

Aires Augusto Nascimento

Relatório

Convidado pela CNARELA (Coordination Nationale des Associations Regionales des Enseignants de Langues Classiques) a participar num Colóquio por ela organizado em Estrasburgo para apreciar a situação actual do ensino das Línguas Clássicas (Latim e Grego) na Europa, pude fazê-lo graças ao apoio do Sr. Reitor da Universidade de Lisboa e ao interesse e diligências desenvolvidas para o efeito pelo Conselho Directivo da Faculdade de Letras.

1. O objectivo programático da reunião era fazer um balanço das perspectivas actuais do ensino das línguas clássicas e ajuizar dos factores positivos e negativos que condicionam tal ensino. Para esse efeito, as 25 Associações regionais de ensino de Línguas Clássicas espalhadas por toda a França enviaram os seus representantes, em número de 150, no total. Dai o título de "États généraux des langues classiques".

No mesmo sentido, foram endereçados convites a personalidades de diversos países europeus, a fim de com a sua participação traçar um panorama concreto e tanto quanto possível correcto de situação. Estiveram presentes representantes de 10 países (por ordem alfabética e de intervenção na mesa redonda: Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Itália, Luxemburgo, Portugal, R. F. Alemanha, Suíça); o representante da Jugoslávia, por dificuldades de última hora não pôde estar presente.

Pretendia-se igualmente ajuizar do tipo de sensibilização existente relativamente às línguas clássicas, por parte de sectores culturais hoje significativos. Para isso foram também convidadas personalidades representativas: do mundo das artes (um homem de teatro), da psiquiatria, do direito, da medicina, das matemáticas.

Motivo especial de interesse era a escolha de Estrasburgo, sede do Conselho da Europa, pois se pretendia, através de uma sessão realizada na própria sede do

* Este artigo, que deveria ter sido publicado no número anterior da revista (nº 15), não o foi por lapso de paginação.

Parlamento Europeu, sensibilizar as instituições europeias para a situação real das línguas clássicas. Tal reunião veio efectivamente a ter lugar numa das salas do Parlamento Europeu, com a presença do Chefe da Secção de Pesquisa e Documentação Pedagógica da Direcção do Ensino do Conselho da Europa, M. Vorbeck, que não hesitou em se dirigir esporadicamente aos participantes em latim, fazer uma síntese do estado actual do ensino das línguas clássicas na Europa e sublinhar o interesse das mesmas para a construção de uma Europa democrática. O tema da situação actual do ensino das línguas clássicas na Europa foi, de resto, retomado, na mesma sessão, por Peter Vulfing, Prof. da Univ. de Colónia e promotor de um outro Colóquio subordinado ao mesmo tema e realizado em 1986 em Tubinga.

2. A análise de situação teve tendência a acentuar os traços negativos e a pôr a tónica nos aspectos contraditórios que apresenta o actual tratamento dado ao estudo das línguas clássicas.

a) Nunca tantos alunos aprenderam tão pouco latim, como hoje se verifica; a procura não é consequente e a oferta é muitas vezes arbitrária, por culpa de currículos que não têm em conta as exigências específicas das línguas clássicas.

b) Oficialmente admitidas nos currículos escolares, as línguas clássicas confrontam-se com condicionamentos que entravam ou põem em causa um ensino útil, eficaz, articulado com os objectivos previstos: falta de meios e de enquadramento escolar equivalente ao dos demais cursos, diferenças etárias no início da frequência das línguas clássicas, etc.

c) Culturalmente justificadas como fonte de unidade e de origem das línguas europeias, ou até expressão privilegiada da cultura europeia durante séculos, não tem sido fácil aos próprios promotores do ensino das línguas clássicas desenvolver um discurso convincente que determine atitudes socialmente influentes e decisões politicamente úteis na planificação do ensino dessas línguas: a reconversão de um discurso axiomático num discurso pragmático que explore aspectos da utilidade das línguas clássicas choca porventura mais os potenciais autores desse discurso que os próprios destinatários, e daí a ineficácia de muitos dos esforços feitos.

d) A pedagogia das línguas clássicas, embora podendo contar com uma longa experiência de séculos, exige um investimento sempre renovado; tal exigência dificilmente é compreendida e compensada, o que gera facilmente frustrações que põem em risco a continuidade do esforço; dificuldades acrescidas se levantam com a diferença etária surgida ultimamente com os frequentadores dessas disciplinas.

e) A formação dos classicistas defronta-se com um dupla exigência: assegurar hoje, mais até do que ontem, uma base de cultura geral sólida e simultaneamente garantir uma formação de especialidade cada vez mais rigorosa para ocorrer à multiplicidade de situações onde a própria componente da cultura clássica deve intervir.

f) A consciência da presença real das línguas clássicas na cultura europeia obriga a abrir os horizontes da informação, do estudo e da investigação a espaços diacrónicos alargados e a variedades de registos; tais horizontes não podem ser deixados apenas para períodos já de especialização, pois eles devem fazer parte da própria formação geral que se pretende inculcar.

g) O estudo da língua deve andar associado ao das culturas respectivas; dentro dos horários previstos para as disciplinas, o tempo é quase sempre escasso.

h) O número de candidatos à docência de Línguas Clássicas tende a escassear; verificando-se, por vezes, que o número de candidatos é equivalente ao número de vagas, há que reconhecer que fica em causa o factor de selectividade e ameaçado o nível do ensino das disciplinas. Isto só pode ser sintoma de um mal-estar generalizado cujas consequências do ponto de vista cultural se afigura negativo e para o qual há que encontrar remédio adequado.

3. O tom pessimista da análise revelava as tensões com que os intervenientes se debatiam na procura de soluções para as dificuldades de que eram testemunhas. Teve isso como contrapartida uma tomada de consciência das razões fundamentais da presença das línguas clássicas na formação do homem europeu de hoje. Para isso serviram as intervenções dos homens de ciência chamados a depor sobre tal presença.

Se não era invulgar ver um homem de direito chamar a atenção para a necessidade de manter uma ligação explícita com um passado de direito romano que continua presente e vivo em fórmulas de hoje (de resto, lembraria que, sem as palavras vivas, as instituições morrem), era menos comum ouvir dizer a um matemático que a experiência do passado na sua área específica continuava a ter interesse, mesmo na era das matemáticas modernas (a recuperação de Euclides faz sentido ainda hoje para ultrapassar certas perspectivas redutoras dos últimos séculos), e ouvir igualmente na sua intervenção que é falaz o argumento da utilidade de que por vezes se lança mão para substituir as línguas clássicas pelas matemáticas (a experiência gramatical e literária tem importância não apenas pelo aspecto estético que desenvolve, mas também pela base analítica que comporta; é mais rica essa experiência que a da matemática, pois esta fica confinada a fórmulas e vocabulário extremamente pobre).

O psicanalista pôs em relevo a importância das línguas clássicas para o assumir de uma linguagem pessoal em substituição da língua materna e entrar num círculo mais largo que o estritamente familiar ou até nacional (as línguas clássicas são o estrato sobre que se enxertam as outras línguas; constituem uma base sobre a qual se pode viver e inventar a própria língua; são uma instância privilegiada de diálogo e de formação de identidade pessoal; fazem apelo às raízes, que nunca são naturais, pois que não somos plantas; libertam-nos do consumismo e restituem a

multiplicidade das funções da linguagem, particularmente a função criativa e poética).

O médico (um dos maiores cancerólogos franceses) acentuou a valorização do espírito humanista dado pelo estudo das línguas clássicas como complemento à desumanização que pode brotar de uma especialização exigida pelo desenvolvimento das ciências modernas.

O homem de teatro (que animou um dos serões com leituras de Ovídio em tradução) pôs em relevo a necessidade do acesso especializado aos textos clássicos para uma formulação capaz de ser entendida pelos homens do nosso tempo (o que só por si justificaria a experiência do ensino das línguas clássicas), mas sublinhou também a necessidade da recuperação do lúdico nessa actividade, como expressão fundamental que é do humano.

4. A consciência das dificuldades contribuía, juntamente com o testemunho vindo de outras áreas do saber, para definir algumas atitudes por parte dos classicistas presentes:

a) necessidade de desenvolver espírito criativo e crítico, consciente da utilidade e dinamismo que os estudos clássicos podem proporcionar: crítico relativamente às situações, criativo e imaginativo na procura de soluções;

b) procura de metodologias adequadas aos objectivos em causa e integradas nas possibilidades oferecidas pela didáctica de hoje;

c) equilíbrio entre cultura geral e cultura especializada, pondo em destaque que, da correlação entre elas, poderá e deverá surgir uma instância de diálogo imprescindível para a valorização das próprias línguas clássicas (no estudo destas, aliás, nunca deve estar ausente o sentido cultural para que obrigatoriamente remetem);

d) estabelecimento de prioridades na elaboração de programas e planificação de actividades;

e) intercâmbio de experiências e desenvolvimento de acções comuns, como meio de contribuir para o alargamento de uma consciência europeia onde as raízes clássicas têm sentido profundo.

5. Como complemento de acção a desenvolver pelos diferentes grupos e países, pareceu oportuna fixar duas orientações concretas:

1) fazer chegar ao Conselho da Europa uma bibliografia actualizada relativa ao estado actual do ensino das línguas clássicas na Europa;

2) solicitar a esse Conselho informação exacta do enquadramento curricular e profissional das línguas clássicas nos diferentes países da Europa:

- 1 - Informação sobre a preparação em línguas clássicas necessária para entrar na Universidade, em cada país:
 1. Latim
 2. Grego
 3. níveis de ensino exigidos
 4. anos de ensino: obrigatórios e/ou optativos
 5. nos cursos secundários: nº de horas realizadas por semana
 6. cursos superiores de destino para as diferentes preparações em línguas clássicas.
- 2 - Informação sobre a presença das línguas clássicas nos cursos universitários:
 1. Latim
 2. Grego
 3. Curso universitário
 4. anos e cargas horárias.
- 3 - Exigência de preparação em línguas clássicas para o exercício de actividade profissional:
 1. professores de línguas clássicas;
 2. professores de línguas vivas;
 3. outros destinos.

6. Em complemento dos trabalhos de conferências e mesas redondas, havia uma exposição de publicações e realizações levadas a cabo pela CNARELA e pelas Associações regionais. Se bem que inopinadamente, o nº 14 da revista CLASSICA, levado com outro objectivo pelo signatário, serviu de base de referência pela tradução que apresentava da mesa redonda havida, o ano passado em Tubinga, sobre a situação das línguas clássicas na Europa; a tradução portuguesa, feita sobre cópia dos originais facultada pelo Prof. Peter Wülfing, antecipara-se efectivamente à publicação das Actas do citado Colóquio.